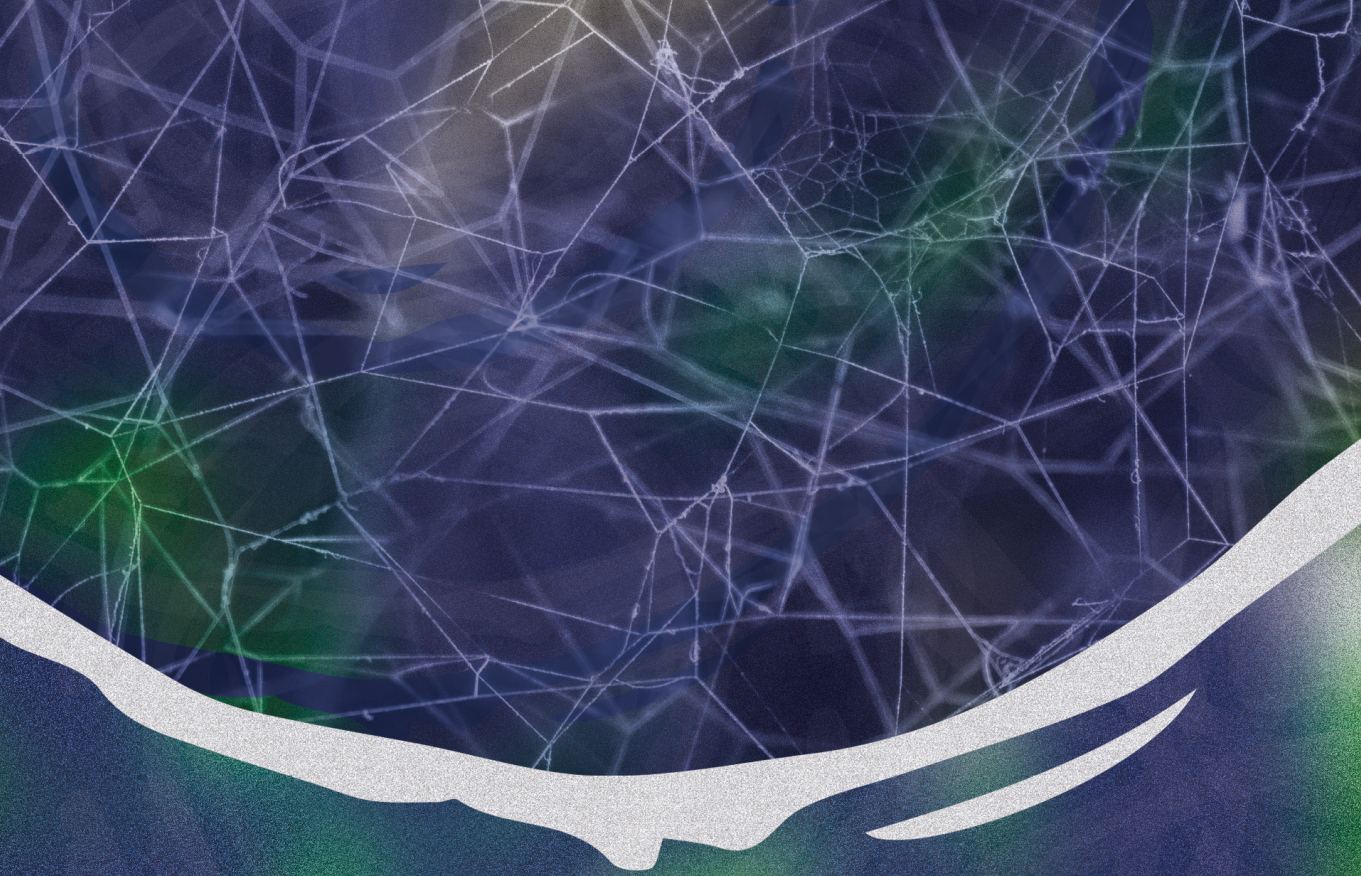


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 4 – Escolas

A cor é tudo

Ana Luísa Morais de Almeida

Um papel começa a circular pela sala, risos e gargalhadas para todo o lado. A professora sente o constrangimento de um aluno, pega o papel e pergunta para turma o que significava aquele desenho. Logo, ela começa a contar uma história de quando viu uma "arte" parecida com aquela:

– Vi um desenho igualzinho a este em um museu, mas não era de um negro, e sim de um judeu. E, em vez de lábios grossos, ele tinha um nariz bem grande como de um rato. Mas aquele desenho não era de um judeu em particular, era de todos os judeus, e esses desenhos foram postos nos jornais pela gangue mais famosa da história.

Nessa hora, grande parte da sala se vangloria, dizendo que a "gangue" é o máximo, igualmente à deles. E a professora continua:

– Acham que entendem de gangues? São amadores! Essa gangue deixaria vocês no chinelo. Eles começaram pobres, com raiva, e todos os desprezavam, até que um homem decidiu dar a eles um pouco de orgulho e identidade e alguém a quem culpar. Dominar vizinhanças? Isso não é nada comparado ao que eles faziam. Eles dominavam países. E querem saber como? Colocando desenhos assim em todos os jornais. Judeus com narizes grandes e compridos, negros com lábios grandes e grossos. Também publicavam "evidências científicas", insinuando que se tratava da classe mais inferior da espécie humana. Judeus e negros eram como animais, e já que eles eram como animais, não importava se vivessem ou morressem. Na verdade, a vida seria muito melhor se eles estivessem mortos. É assim que um holocausto acontece!

Os alunos se revoltam, dizendo que a professora não sabe do que está falando e afirmando que a sala seria melhor sem outros grupos raciais. Logo em seguida, uma aluna latina chamada Eva fala:

– Você não sabe de nada, não sabe o que temos que fazer, não tem respeito pelo modo que vivemos. Você vem aqui ensinar gramática e depois temos que voltar para a rua, e o que você entende disso? O que você faz aqui que muda algo na minha vida lá fora?

Outro aluno diz:

– Como vou saber se você não é uma má pessoa? Eu não vou respeitar você só porque é professora! Os brancos sempre querem respeito como se merecessem ele de graça.

A professora afirma que é sim branca e que não importa a cor que tem. Eva a interrompe:

– Mas a cor é tudo! Tem a ver com pessoas decidindo o que você merece, e o que não merece! Tem a ver com os brancos que pensam que dominam o mundo, custe o que custar. Odeio brancos! Eu sei o que vocês podem fazer! Vi policiais brancos atirarem nas costas

do meu amigo porque ele enfiou a mão no bolso. NO BOLSO! Eles podem fazer isso, pois são brancos. E é por isso que eu os detesto!

Marcos, um aluno preto, geralmente calado, começa a falar nessa discussão:

– Moça, pare de agir como se estivesse tentando entender nossa situação e faça seu trabalho de babá aí na frente. Quando eu olho para o mundo, não vejo ninguém parecido comigo e que tenha dinheiro no bolso, a não ser que ele cante rap ou jogue basquete. Então o que você tem para mim?

A sala entra num silêncio profundo. E um aluno pergunta o que é um holocausto. A professora fica em choque e percebe que precisa fazer algo em relação à educação dos alunos.

Dias se passam e, novamente, mais uma aula se inicia, a professora faz uma dinâmica da qual todos os alunos participam. A dinâmica consiste em dar passos para frente como um "sim" quando a professora pergunta algo. A sala foi dividida em duas fileiras, assim, toda vez que os alunos andassem para frente, ficariam cara a cara um com o outro. A atividade fez com que eles vissem que todos partilham de sentimentos iguais, os quais são independentes da raça. Os alunos sentiram afeição pela professora, e a dinâmica acabou trazendo comoção a alguns deles. Logo em seguida, a professora distribuiu diários, para que eles contassem sua própria história, escrevendo o que quisessem.

A professora leu os diários pouco tempo depois e ficou perplexa com a histórias que foram escritas. Marcos (o aluno calado), quando mais novo, tinha um amigo que achou uma arma e, quando brincavam com ela, o amigo acabou atirando em si mesmo. Quando a polícia chegou, eles só conseguiam ver um garoto negro, um corpo e uma arma. Foi a primeira noite de Marcos num reformatório. Como essa, várias outras histórias tristes e terríveis! Mas, por outro lado, a professora viu que os alunos quiseram inseri-la em suas vidas, contar a ela suas histórias, mostrar suas realidades, para que ela os entendesse. E ela assim fez. Essas são cenas do filme *Escritores da liberdade* (2007).

Na primeira aula de Antropologia da Educação, o professor trouxe uma discussão sobre o livro *O que é Educação*, de Carlos Rodrigues Brandão (1985), que traz a afirmação de que não há uma única forma nem um único modelo de educação, e não é apenas na escola que ela acontece. Brandão apresenta no texto diversas formas de aprendizagem e ensino, nos trazendo o questionamento sobre a forma correta de se ensinar e aprender. O autor argumenta que as aprendizagens e a educação são dinâmicas adequadas à realidade de cada cultura, povo ou sociedade.

O filme retrata a vida da professora Erin Gruwell, uma jovem idealista recém-formada, que consegue um emprego numa escola da periferia na Califórnia. No início, Erin tem muita dificuldade de lecionar, pois os alunos de sua turma são desobedientes e desmotivados. Há também uma grande tensão em sala, que é resultado de conflitos raciais. No filme a professora sai da sua zona de conforto para aprender a vivência de seus alunos fora da escola e assim proporcionar um ambiente sem diferenças e exclusões, independentemente da raça ou classe social, fazendo da sala de aula um ambiente seguro, interativo e saudável, para que os alunos sejam apenas alunos e não rivais de gangues.

De certa forma, podemos olhar para o filme com um olhar antropológico, pois a professora procura saber e entender melhor a vida de seus alunos, para criar exercícios dos quais todos, mesmo com suas diferenças, possam participar. Ação parecida com a do antropólogo Bronislaw Malinowski, apresentada no documentário *Estranhos no exterior*: fora da Varanda, 1986. Nesse vídeo acompanhamos a experiência desse pesquisador que se dirigiu ao local de estudo, onde ele observou, ouviu e registrou suas descobertas, compreendendo a cultura com um olhar de dentro e usando uma explicação simples: "entrar na caixa para entender o que tem dentro". É possível dizer que o uso das pesquisas em campo foi utilizado nas duas situações.

Nós podemos observar que o texto *Produzindo corpos ativos*: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares (Tassinari, 2015) trata de uma visão de educação não escolarizada. Por meio dele, podemos fazer, novamente, uma relação com o filme, pois, na visão dos jovens alunos, eles aprendem nas ruas, crescem nas ruas, conhecem seus amigos nas ruas, entram para gangues e se apaixonam. A rua ensina como viver, como se proteger, como superar as perdas e o luto. A rua é a escola deles, pois ela lhes oferece o que eles precisam para sobreviver.

Assim, concluímos que o ensino não está somente nas escolas. Como nos mostra o texto de Brandão e Tassinari, existe um universo de opções alternativas e convencionais, baseadas em suas realidades, convicções, princípios e valores, isto é, na cultura. O olhar antropológico nos permite ver, ouvir, entender e aprender as diversas concepções culturais, além de nos mostrar a importância de diferentes de formas de ensino e aprendizado, adaptadas às particularidades de cada cultura. A educação é um direito de todos, independentemente da cultura, classe social e raça. A educação é essencial na vida de cada um.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO